

Economia Social e Pública

LUCCA SIMEONI PAVAN
(Organizador)



 **Atena**
Editora
Ano 2018

Lucca Simeoni Pavan
(Organizador)

Economia Social e Pública

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E19	Economia social e pública [recurso eletrônico] / Organizador Lucca Simeoni Pavan. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-27-7 DOI 10.22533/at.ed.277180409 1. Cooperativismo – Brasil. 2. Economia social. I. Pavan, Lucca Simeoni. CDD 334.0944
-----	---

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O estudo da economia tem como foco principal estudar as relações de eficiência da escolhas dos agentes. Este ramo da ciência trata da obtenção da melhor escolha por parte dos agentes econômicos dada as restrições que eles enfrentam. Em sua grande maioria, os estudos econômicos e, por sua vez, as decisões de políticas consequentes destes estudos, falham quando não levam em conta os impactos sociais de tais escolhas econômicas e como tais políticas transbordam para outros segmentos da sociedade que não foram vislumbrados no momento de formulação e aplicação de determinada política.

Estudos econômicos que coloquem ao centro questões sociais e públicas no conjunto de fatores influenciados por políticas e decisões econômicas são de fundamental importância na construção de uma sociedade próspera, justa e organizada. Por este fato, este livro compila excelentes estudos que abordam questões sociais e questões públicas conjuntamente com o ferramental propiciada pela ciência econômica. A ênfase principal dos artigos é tratar especificamente da economia solidária, e quais suas aplicação e interpretações de fenômenos econômicos esta metodologia proporciona e quais são suas contribuições para a interpretação das relações econômicas e sociais.

Nesta coletânea os estudos abordam as mais diferentes regiões do Brasil, tratando de questões regionais e da desigualdade econômica existente em nosso país. A localização é um fator destacado dentre os trabalhos contidos aqui. Por meio da Economia Solidária, estudou-se tanto a região urbana quanto a região rural, mostrando que a utilização da teoria da economia Solidária pode incorporar diversos aspectos da organização territorial. Outro aspecto relevante estudado são as questões econômicas e jurídicas referentes ao mercado de trabalho, que foram abordadas por meio das teorias Econômicas voltadas para as questões sociais e de interesse público.

Por fim, esta coletânea vem contribuir imensamente com o estudo da Economia Social e Pública, principalmente ao que se refere à questões de Economia Solidária e Arranjos ou Associações Produtivas. Sem dúvida o leitor terá em mãos excelentes referências para identificar temas de estudo, referências para pesquisas e autores identificados com o tema.

Lucca Simeoni Pavan
Doutorando em economia pelo PPGDE/UFPR

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
SENTIDOS DO TRABALHO: UMA PERSPECTIVA DE TRABALHADORES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA	
Gabriela Comissario Santos Susana Iglesias Webering	
CAPÍTULO 2	22
EMPREENDEDORISMO SOCIAL: INTEGRANDO SOCIEDADE E ACADEMIA	
Roberto André Polezi Eduardo Avancci Dionisio	
CAPÍTULO 3	36
TRAJETÓRIA DA COOPERATIVA DOS PRODUTORES DE OSTRAS DE CANANÉIA: TRADUÇÕES E RESILIÊNCIA	
Ingrid Cabral Machado Newton José Rodrigues da Silva	
CAPÍTULO 4	64
O PAGAMENTO POR SERVIÇOS AMBIENTAIS COMO CONTRIBUIÇÃO PARA A SUSTENTABILIDADE EM UNIDADE DE CONSERVAÇÃO	
Elenize Freitas Avelino Roberta Monique da Silva Santos	
CAPÍTULO 5	70
CENTRAL DA AGRICULTURA FAMILIAR DE NATAL - RN NA PERCEPÇÃO DOS BENEFICIADOS: UM ESPAÇO DE INCLUSÃO FAMILIAR, SOLIDARIEDADE E SUSTENTABILIDADE?	
Rivânia Maria Pinto Rodrigues Gonzalez Canejo Erika Araújo da Cunha Pegado	
CAPÍTULO 6	79
ASSOCIAÇÃO DE HORTIFRUTIGRANJEIROS ORGÂNICOS DE BOA VISTA – RR (HORTIVIDA): PLANTANDO E COLHENDO SOB A ÉTICA DA ECONOMIA SOCIAL E SOLIDÁRIA.	
Dayana Machado Rocha Cleane da Silva Nascimento Márcia Teixeira Falcão Emerson Clayton Arantes	
CAPÍTULO 7	92
MODELO TEÓRICO DE ORGANIZAÇÃO PARA A PRODUÇÃO COLETIVA DE ARTESANATO: O CASO DA ASSOCIAÇÃO DE MULHERES ARTESÃS DA ÁREA RURAL DE MONGAGUÁ/SP ¹	
Newton José Rodrigues da Silva Marisa Vicente Catta-Preta Thais Maria Muraro Silva Mariany Martinez dos Santos	

CAPÍTULO 8	124
LAVANDERIA 8 DE MARÇO, SANTOS/SP: UMA EXPERIÊNCIA DE VALORIZAÇÃO DE MULHERES	
Márcia Silveira Farah Reis	
Newton José Rodrigues da Silva	
CAPÍTULO 9	159
ECONOMIA SOCIAL SOLIDÁRIA COMO ESTRATÉGIA PARA A GESTÃO DE EMPREENDIMENTOS ECONÔMICOS LOCAIS DA COMUNIDADE RIBEIRINHA NOSSA SENHORA DO LIVRAMENTO, MANAUS, AMAZONAS	
Duarcides Ferreira Mariosa	
Luciana Melo Felix da Silva	
CAPÍTULO 10	168
ANÁLISE DOS ASPECTOS JURÍDICOS, LEGAIS E TRIBUTÁRIOS DOS EMPREENDIMENTOS SOLIDÁRIOS NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA	
Arlete Cândido Monteiro Vieira	
Roney Rezende Rangel	
CAPÍTULO 11	186
QUADRO TEÓRICO DE APOIO À ATUAÇÃO DE EXTENSIONISTAS PARA O FORTALECIMENTO DA ECONOMIA SOLIDÁRIA	
Newton José Rodrigues da Silva	
Abelardo Gonçalves Pinto	
Edna Ferreira Maddarena Lopez	
Olivier Mikolasek	
SOBRE O ORGANIZADOR	222

SENTIDOS DO TRABALHO: UMA PERSPECTIVA DE TRABALHADORES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA

Gabriela Comissario Santos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
(UFRRJ)

Susana Iglesias Webering

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
(UFRRJ), Departamento de Administração e
Turismo (DAT), Instituto Multidisciplinar (IM), Nova
Iguaçu – Rio de Janeiro

RESUMO: Nas últimas décadas o mundo do trabalho passou por diversas transformações, gerando a flexibilização das organizações e a precarização das relações de trabalho, ao mesmo tempo em que se viu aumentar o fenômeno de associações e cooperativas criadas pelos trabalhadores. O sentido que o indivíduo atribui ao seu trabalho também se transformou, precisando ser analisado nessa nova configuração. Por essas razões, este estudo teve o objetivo analisar o sentido que o participante de um projeto de economia solidária atribui ao seu trabalho. Para isto, foi realizado um estudo de caráter qualitativo com participantes do projeto Artesãs da Maré. Quanto aos fins, a pesquisa foi descritiva e explicativa, quanto aos meios, uma pesquisa de campo. Como resultado, a centralidade do trabalho na vida do indivíduo e os sentidos atribuídos indicam tanto recompensa financeira, como também, sentimentos de autorrealização e solidariedade

gerando satisfação pessoal, aprendizagem, conhecimento e contribuição com a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho; sentidos; economia solidária; precarização.

ABSTRACT: In the last decades the world of work has undergone several transformations, generating the flexibility of organizations and the precariousness of labor relations, the same time the phenomenon of associations and cooperatives created by workers has been increased. The sense that the individual attributes to his work has also changed, needing to be analyzed in this new configuration. For these reasons, this study had the objective to analyze the meaning that the participant of a solidarity economy project attributes to his work. For this, a qualitative study was carried out with participants of the Artesãs da Maré project. Regarding the ends, the research was descriptive and explanatory, as far as the means, a field research. As a result, the centrality of work in the individual's life and the assigned meanings indicate both financial reward and feelings of self-realization and solidarity, generating personal satisfaction, learning, knowledge and contribution to society.

KEYWORDS: work; senses; solidarity economy; precariousness

1 | INTRODUÇÃO

Diversas transformações incidiram no mundo do trabalho com a nova reestruturação produtiva, entre elas, o processo de precarização (ANTUNES, 1999). Como consequência, voltaram a ter destaque formas *alternativas* de organização, como associações e cooperativas, com a proposta de melhorar a vida socioeconômica do trabalhador (SINGER, 2002). Mediante essas transformações, o objetivo deste trabalho é analisar os sentidos do trabalho para participantes de projetos solidários.

O associativismo e o cooperativismo são práticas com validade atual em um mundo em transformação. O movimento de Economia Social e Solidária surgiu da necessidade de uma organização que defenda o interesse das pessoas, como forma de cooperação econômica em favor do trabalho humano, sendo um produto da sociedade capitalista e uma resposta aos problemas sociais do mundo do trabalho (FRANTZ, 2012).

Esta outra Economia propõe inclusão social mediante um desenvolvimento sustentável, geração de trabalho e distribuição de renda. A proposta é a não exploração do homem e sim a autogestão, onde há uma soma dos esforços de cada integrante e uma justa distribuição dos resultados alcançados, respeitando o trabalhador e com ênfase na qualidade de vida (SINGER, 2002).

No entanto, existem contradições inerentes ao projeto de uma economia solidária, pois os empreendimentos atuam sob o mecanismo do capital. Dúvidas, portanto, se o movimento de economia solidária é revolucionário ou reacionário, apenas se adequando ao modo de produção vigente, no qual os trabalhadores são obrigados a gerir si próprios como capitalistas para se adaptarem ao padrão produtivo. A partir desse pressuposto surge um dilema: os empreendimentos de economia solidária irão fracassar por manterem sua ideologia de constituição ou, quando se tornarem grandes organizações, irão perder suas características, assumindo modelos burocráticos e modo de gestão gerencial, inclusive comprando a força de trabalho de outros trabalhadores. Para Benini e Benini (2010), a economia solidária necessita de planejamento político para além do capital, com gestão social anti-burocrática e, principalmente, uma real melhora na vida do trabalhador.

Antunes (1999) afirma que todas as transformações na morfologia do trabalho acarretam em um novo significado, novas formas de organização do trabalho, inéditas formas de representação trabalhistas, ou seja, modos distintos de ser do trabalho. O trabalho não perdeu relevância, apenas precisa ser analisado em seu novo contexto.

Para isto, fomos a campo coletar dados para descrever os sentidos que participantes de um projeto de economia solidária atribuem ao seu trabalho. A experiência selecionada foi o projeto Artesãs da Maré, no Rio de Janeiro, que existe desde o final da década 1990.

2 | ECONOMIA SOLIDÁRIA: DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS

O princípio básico da economia solidária é a igualdade entre todos os participantes e não a desigualdade crescente do capitalismo. Essa igualdade é baseada na cooperação entre os participantes no lugar da competição (SINGER, 2002).

A economia solidária surgiu na Grã-Bretanha, pouco depois do capitalismo industrial, como resposta ao intenso empobrecimento dos artesãos provocado pela propagação das máquinas na produção fabril. Diante desse cenário, industriais mais esclarecidos propuseram leis de proteção aos trabalhadores que, ao mesmo tempo em que os beneficiava, aumentava a produtividade, já que os trabalhadores estavam motivados (SINGER, 2002).

No Brasil, a economia solidária começou a ganhar espaço a partir da década de 1980, com o alto nível de desemprego que acentuou a exclusão social, o que gerou espaço para formas cooperativas e associativas de trabalho. Segundo Singer (2002), a empresa solidária é baseada na cooperativa de produção que, diferente das cooperativas de consumo, crédito, compras e vendas, valoriza os produtores e não fornecedores ou clientes. O autor afirma que nessas associações de trabalhadores são aplicados os princípios de igualdade e democracia, onde todos os sócios têm a mesma cota do capital da cooperativa. Além disso, economia solidária não envolve apenas o processo de produção, mas também finanças, trocas, consumo e comércio justo e solidário.

Portanto, uma diversidade de práticas econômicas e sociais organizadas sob a forma de empreendimentos autogestionários. Esse processo ocorre quando há interesses e objetivos comuns, provocando a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária. Em organizações autogestionárias os participantes exercem práticas participativas dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, quando nem mesmo fatores externos impedem o protagonismo dos verdadeiros sujeitos da ação. Isto porque sua viabilidade econômica envolve critérios de eficácia e efetividade, que acompanham aspectos culturais, ambientais e sociais. Essa é a grande tensão que sofrem tais experiências (WEBERING, 2014).

A economia solidária ainda é pouco conhecida no Brasil, pois é um sistema complexo e diferenciado, de difícil inserção na realidade capitalista. Essa organização do trabalho promove uma inclusão social em que não só as pessoas são beneficiadas, mas também o meio ambiente, criando estratégias de desenvolvimento sustentável (SINGER, 2002).

A eficiência de empreendimentos solidários é diferente de organizações capitalistas, pois não se dá exclusivamente com retornos financeiros, mas sim com otimização de processos democráticos, valorização do ser humano e aumento da qualidade de vida dos associados e da sociedade. Para Pinheiro e Paula (2014), a eficiência em empreendimentos solidários é social, pois assume uma lógica de somar

o potencial dos indivíduos vinculados por relações de solidariedade, atingindo uma melhor condição tanto material quanto simbólica para a sociedade.

As incubadoras universitárias têm desenvolvido papel importante na formação autogestionária dos trabalhadores, bem como na viabilidade econômica, social e ambiental dos empreendimentos. A incubação está vinculada ao processo de ensino, pesquisa e extensão universitária. A função das universidades tem sido reunir o conhecimento teórico com a prática dos empreendimentos para auxiliar na formação de trabalhadores e propor melhorias em seus processos. Tal aprendizagem se dá por meio de educação continuada, levando em consideração a cultura e história da comunidade (BARBIERI; BETANHO, 2014).

O cooperativismo popular é visto como um importante meio para a aprendizagem da economia solidária através da troca de experiências relacionadas à prática emancipatória da autogestão. Das mazelas do sistema capitalista – como desigualdade na distribuição de renda, acesso limitado aos meios de produção e degradação do meio ambiente – surge a necessidade de buscar movimentos emancipatórios com intuito de resgatar a dignidade humana e preservar o meio ambiente. A economia solidária contribui para a emancipação humana através de convivência coletiva e harmônica com o meio ambiente, onde o trabalhador é sujeito da própria ação em sociedade. Uma educação popular baseada em princípios de autonomia, democracia, fraternidade, igualdade e solidariedade (BAPTISTA; FISCHER, 2011).

Ao mesmo tempo, esse movimento apresenta contradições. Grande parte dos empreendimentos solidários não possui planejamento formal e um certo radicalismo ideológico provoca uma aversão em relação à administração, o que os torna ainda mais vulneráveis. De acordo com Santos, Vieira e Borinelli (2013), é dada maior ênfase a questões ideológicas em detrimento de conteúdos técnicos e que, para este projeto tornar-se mais eficaz, é necessária maior produção de conhecimento e tecnologias sociais.

Para Gaiger (2013), existe uma carência de estudos qualitativos e quantitativos para a compreensão das tipologias de organizações, suas variações, características e classificações. Isto está relacionado à falta de uma legislação adequada. No Brasil, para se formar uma cooperativa, por exemplo, a necessidade de no mínimo vinte pessoas. Por isso, muitos indivíduos optam por associações que podem ser formadas a partir de duas pessoas (MALASSISE; ALVES, 2011).

3 | A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

A precarização do trabalho ganhou novos contornos com a transição do fordismo para o Toyotismo, o novo sistema de acumulação flexível adepto da lógica neoliberal. De acordo com Antunes (1999), a crise do capital se deu, entre outros fatores, pela queda da taxa de lucro dada pelo aumento do custo da força de trabalho e pelo esgotamento

do padrão de acumulação taylorista/fordista devido ao desemprego estrutural. O autor também cita a concentração de capitais devido a fusões de empresas, a crise do Estado do bem-estar social acarretando na crise fiscal e o aumento do número de privatizações, desregulamentações e flexibilização do processo produtivo.

O toyotismo, oriundo do Japão, se alastrou para o ocidente como nova forma de organização do trabalho, na qual se adota um modelo de produção flexível e o trabalhador necessita ser qualificado em diversas funções. Para o autor, o fordismo adotava uma lógica despótica de maneira clara, já o toyotismo adotou uma política participativa que defende a interação do trabalhador, o que, na verdade, mascara sua ação manipulatória. Esta necessidade de qualificação era usada para o aumento da produtividade, o que gerava concorrência entre os trabalhadores além da alta rotatividade dos mesmos, aumentou também a terceirização e o trabalho temporário, diminuindo consideravelmente o direito dos trabalhadores (ANTUNES, 1995).

Um dos impactos mais graves do toyotismo é o desemprego estrutural, que segue uma estratégia de aquisição de capital contra o trabalho mediante o aumento da exploração do trabalhador que passou a realizar diversas funções. Outra causa do desemprego, é o aumento considerável da automação, da robótica e da microeletrônica nos processos de produção. O uso de tecnologias da informação e comunicação permitiu a substituição de grande parte dos trabalhadores por máquinas que além de aumentar o nível de desemprego, impunha um maior grau de conhecimento e especialização (ANTUNES, 1995).

Com a redução do mercado industrial e variações no setor de serviços, Antunes (1999) afirma que houve um crescimento no trabalho do terceiro setor, configurando uma forma alternativa de ocupação, perfil comunitário e voluntário, sem fins diretamente lucrativos que existem a margem do mercado, absorvendo uma parcela pequena dos trabalhadores expulsos do mercado e por isso não é uma alternativa duradoura, apenas se enquadra em um papel de funcionalidade no mercado de trabalho capitalista. Para este autor, foi com o terceiro setor que surgiu a economia solidária, a margem da lógica mercantil, porém esse movimento não é uma alternativa capaz de substituir o mercado do capital nem sua expansão alterar de forma efetiva o sistema de valorização do capital.

Nesse contexto, também houve uma significativa diminuição dos sindicatos em escala global devido à dificuldade dos sindicatos de se organizar mediante a heterogeneização e complexidade do novo mundo do trabalho. Ocorreu uma segregação entre trabalhadores estáveis, trabalhadores em situação precária e desempregados, surgindo assim um abismo social que reduz o poder sindical. Essa dessindicalização agrava ainda mais a precariedade do trabalho, os trabalhadores tornam-se individualistas e submissos, pois temem perder as poucas oportunidades de emprego que restaram (ANTUNES, 1995).

A partir dos anos 90 o toyotismo se instaurou completamente no modo de produção brasileiro, enfraquecendo a força dos sindicatos. Para Alves (2000), esse

modelo de acumulação flexível se implantou de maneira dominante, capturando de forma inovadora a subjetividade do trabalhador, os sindicatos perderam o poder reivindicatório e apenas se adequaram ao novo sistema de produção.

Outra consequência da precarização do trabalho é a tendência declinante no preço da força de trabalho. Com o processo de acumulação flexível houve uma deterioração da remuneração do emprego formal respaldada por políticas governamentais, principalmente depois do plano real, no qual foi legalizada a livre negociação salarial entre empresas e trabalhadores. Ainda segundo os autores, a queda na remuneração se deve ao consentimento da mão-de-obra a receberem salários inferiores devido ao alto nível de desemprego estrutural (FARIA; KREMER, 2005).

Para Antunes (2009), a emergência de um certo empreendedorismo, as falsas cooperativas e os trabalhos voluntários são formas de trabalho que mascaram a superexploração e até mesmo a autoexploração. Também a categoria dos estagiários como mão-de-obra barata que exercem funções diferentes de sua real formação. O trabalho cyber, conhecido como cybertariado, geração que combina informatização com informalização.

Junto com a crise no mundo do trabalho há uma pressão para aumentar a flexibilidade da legislação trabalhista em escala global, porém é um fato que tal flexibilidade só aumenta o subemprego e desemprego. Há uma flagrante contradição na sociedade do capital: à medida que o desemprego aumenta, aumenta a degradação social e a barbárie. Por outro lado, se o capital continuar em pleno crescimento, a destruição do meio ambiente é inequívoca (ANTUNES, 1995).

Visto isso, para Antunes (2010), é de suma importância a criação de um novo sistema de metabolismo social. O autor reconhece ser um desafio, porém imprescindível, a construção de um novo modo de produção, pautado em produzir valores de uso socialmente necessários.

Em uma entrevista de Nogueira e Silva (2015) realizada com Antunes vinte anos após a publicação do livro *Adeus ao Trabalho*, o autor defende a atualidade do tema, explicando que a classe trabalhadora não se extinguiu, mas sim aumenta a cada ano e está cada vez mais heterogênea. A criação do “colaborador” pelo capitalismo recente, apenas acentua a captura da subjetividade do trabalhador em favor do capital. A forma de mudar os efeitos negativos dessas transformações está na ação de movimentos sociais, que se tornaram mais eficazes que sindicatos e partidos políticos. São as lutas sociais que têm como palco ruas e praças públicas que conseguem provocar as mudanças sociais.

4 | OS SENTIDOS DO TRABALHO

Ao definir trabalho, Antunes defende que “a importância da categoria trabalho está em que ela constitui como fonte originária, primária de realização do ser social”

(1999, p. 16). Esse trabalho não se refere ao trabalho assalariado, mas sim, ao trabalho concreto, atividade vital, desse modo, o trabalho traduz-se como uma experiência elementar da vida cotidiana, suprimindo as necessidades sociais.

Araújo e Sachuk (2007) evidenciam a mudança de sentido atribuído ao trabalho de acordo com cada época e formas de produção. As autoras alegam que mesmo com as diversas transformações ocorridas no mundo do trabalho, ele ainda é fundamental para a existência humana: é por meio dele que o ser humano transforma a natureza com a finalidade de satisfazer suas próprias necessidades. Deste modo, o trabalho proporciona conhecimento e habilidades ao homem, como também sofrimento e alienação e representa a principal ligação do homem com o mundo e com outros homens.

De acordo com Andrade *et al* (2012), os significados e sentidos do trabalho caracterizam um fenômeno bastante complexo e é alvo de pesquisa de diversos autores em variadas áreas. As autoras ressaltam a diferença entre os termos significado e sentido do trabalho, o primeiro está relacionado com uma acepção constituída de maneira coletiva e o segundo relaciona-se com experiências individuais, baseadas na percepção pessoal.

Andrade *et al*(2012) defendem que há dois tipos de sentidos atribuídos ao trabalho, a racionalidade instrumental e a racionalidade substantiva. A racionalidade instrumental está baseada em incentivos econômicos e utilitaristas, recompensas financeiras e de poder. Já a racionalidade substantiva está pautada em sentimentos de autorrealização, solidariedade, satisfação e valor emancipatório. As autoras constataram que o grau dos dois tipos de racionalidade está relacionado com o ambiente organizacional e o segmento de mercado. A incidência da racionalidade instrumental é mais comum em empresas de modelos altamente burocráticos, com alta competitividade no mercado, já a racionalidade substantiva tem predominância em organizações alternativas, como cooperativas e fundações.

Deste modo, de acordo com estudos realizados em diferentes organizações com diversos trabalhadores, Andrade *et al* (2012) constataram que um tipo de racionalidade não exclui a outra, ambas existem concomitantemente na mesma organização, em todos os níveis e em graus diferentes. Sendo assim, os sentidos atribuídos ao trabalho e a racionalidade estão relacionados: o sentido do trabalho está não só em garantir a sobrevivência com retornos financeiros, mas também na satisfação pessoal e autorrealização.

Já Kubo e Gouvêa (2012) analisaram fatores que influenciam os sentidos atribuídos ao trabalho, tais como: a centralidade do trabalho, normas sociais, também objetivos e resultados valorizados. A pesquisa foi realizada com trabalhadores da área pública e privada. A centralidade do trabalho refere-se à importância que o indivíduo associa ao trabalho em diversas fases da vida. As normas sociais representam tanto o que o indivíduo espera da sociedade, como treinamentos e especialização, quanto o dever de contribuir com a mesma. Os objetivos e resultados valorizados representam

o que o indivíduo almeja com o seu trabalho. Os resultados apontaram: em primeiro lugar, a centralidade do trabalho; em segundo, os objetivos e resultados valorizados; e, em terceiro, as normas sociais. Com a pesquisa os autores chamam atenção para a grande importância atribuída ao trabalho pelos indivíduos, assim como uma melhor compreensão de sentimentos intrínsecos em relação ao trabalho.

Mediante pesquisas realizadas em diversos países, Morin, Tonelli e Pliopas (2007) alegam que o sentido do trabalho pode atingir um nível de neutralidade até centralidade na vida de um indivíduo. Já em uma pesquisa realizada no Brasil, com jovens administradores, as autoras constataram que o trabalho é essencial na vida das pessoas e o sentido principal indicado pelo grupo de pessoas entrevistadas é o trabalho garantir a sobrevivência.

Para classificar o material da pesquisa, Morin, Tonelli e Pliopas (2007) utilizaram o trabalho e seus sentidos para o indivíduo, seus sentidos para a organização e seus sentidos para a sociedade. As autoras explicam que na dimensão individual foram encontrados aspectos como satisfação pessoal, aprendizagem e conhecimento, na dimensão organizacional foram observados fatores como utilidade e relacionamentos e na dimensão social a contribuição para a sociedade foi o mais citado.

Como resultado da pesquisa, Morin, Tonelli e Pliopas (2007) explicam que o trabalho foi indicado pelos entrevistados com sentido positivo e de caráter central na vida das pessoas. Outra conclusão apontada pelas autoras é a relação de forma unânime entre trabalho e dinheiro o que indica muita semelhança com pesquisas internacionais, porém houve maior ênfase na relação entre trabalho e sobrevivência no contexto brasileiro.

Para Morin (2001) um desafio importante para os administradores é entender como as múltiplas transformações do mundo do trabalho têm atingido as organizações e, conseqüentemente, os sentidos do trabalho. Um fato importante a ser considerado é que ao mesmo tempo em que milhares de pessoas sofrem pela falta de uma vaga, outras sofrem pelo fato de terem que trabalhar excessivamente (MORIN, 2001, p.9).

Para Antunes (1999), o trabalho está assumindo novas formas, sejam elas estáveis, imateriais, qualificada ou de serviços. O trabalho não perdeu relevância, apenas precisa ser analisado em seu novo desenho em escala global. Por exemplo, a diminuição de trabalhadores fabris fez com que aumentasse exponencialmente os trabalhadores no setor de serviços. Essa reorganização também influencia a nova divisão sexual do trabalho, em que tem cada vez mais peso a mulher como parte da classe trabalhadora.

Para uma vida ter sentido no trabalho é necessário que tenha sentido fora dele. Para isto, o tempo livre na vida dos indivíduos é fundamental. A luta pela redução da jornada de trabalho precisa estar como prioridade no mundo do trabalho. Porém, a redução do tempo de trabalho não deve acarretar em redução de salário, para, desse modo, alcançar um trabalho cheio de sentido e uma vida autêntica fora dele (ANTUNES, 1999).

De acordo com Morin (2001), para que um trabalho tenha sentido, é essencial que o trabalhador que o realiza saiba para onde ele o conduz. Para a autora é importante que os objetivos sejam claros e relevantes e que os resultados tenham valor aos olhos de quem o realiza. Para um indivíduo reconhecer que seu trabalho tem sentido é importante que seja um trabalho satisfatório, exercido de acordo com as competências do trabalhador. Não obstante, o trabalho exercido tem que testar a capacidade de quem o realiza, com a finalidade de proporcionar crescimento pessoal e senso de responsabilidade.

Para um novo metabolismo social a sociedade precisaria estar orientada a atender necessidades humanas e sociais, já que o sistema do capital é voltado para sua autovalorização. O tempo disponível não deve ser explorado para a expansão e valorização do capital, mas sim usado para suprir necessidades sociais. Para um real sentido do trabalho vivo é necessário eliminar o tempo de produção excedente e supérfluo que produz um sentido desestruturante e abstrato para o capital. A estrutura do capital desestrutura o ser social, logo, uma nova reestruturação do ser social ajudará a desestruturar o capital, gerando assim uma subjetividade autêntica e proporcionando um novo sentido ao trabalho (ANTUNES, 1999).

Mesmo com o crescente processo de precarização e desemprego estrutural, o mundo do trabalho continua essencial para a existência humana.

5 | METODOLOGIA DA PESQUISA

O tipo de pesquisa utilizado, quanto aos fins (VERGARA, 2009), foi a pesquisa descritiva, pois visa expor as características de determinada população. Neste caso, do projeto de economia solidária Artesãs da Maré, como também de seus participantes e suas condições de trabalho. Quanto aos meios (VERGARA, 2009), o tipo de pesquisa utilizado foi a pesquisa de campo, pois permite uma investigação empírica em determinado local, buscando elementos que possam explicar um fenômeno. Desse modo, este trabalho objetivou explicar como o fenômeno de economia solidária ocorre no projeto Artesãs da Maré, o processo de trabalho e atividades realizadas pelos seus participantes.

Com base nas classificações de Vergara (2009), a coleta de dados pode ser feita através de entrevista, “a entrevista é um procedimento no qual você faz perguntas a alguém que, oralmente lhe responde.” (VERGARA, 2009, p. 52). Este trabalho utilizou entrevistas com participantes a fim de se obter informações que ajudem a identificar o sentido que os trabalhadores atribuem ao seu trabalho, como o tempo, a importância e o suporte que o trabalho propicia para a família e momentos de lazer.

As entrevistas foram realizadas nos dias 25 e 26 de maio de 2017, no Largo da Carioca, Rio de Janeiro, na feira do circuito Ecosol do qual o projeto Artesãs da Maré faz parte; com 7 participantes do projeto, sendo 2 responsáveis pela administração e

5 participantes da produção do empreendimento.

O método utilizado foi a análise de conteúdo, uma técnica para tratamento de dados que almeja identificar o que está sendo dito sobre determinado tema. De acordo com a transcrição da entrevista, sua análise foi do tipo de grade mista em que se define preliminarmente as categorias a respeito do objetivo da pesquisa, entretanto é admitido inclusão ou exclusão de categorias surgidas durante o processo de análise, estabelecendo assim, o conjunto final de categorias (VERGARA, 2009).

A análise de conteúdo possui três etapas: a etapa de pré-análise, que se refere à seleção dos materiais e a definição dos procedimentos; a etapa de exploração do material, que significa a exploração destes procedimentos; a etapa de tratamento dos dados e interpretação, que gera os resultados da investigação. É nesta etapa última etapa que se confirma o propósito da pesquisa (VERGARA, 2009). Mediante esses procedimentos, este trabalho confrontou os resultados obtidos com as informações do referencial teórico do estudo a fim de responder o problema de pesquisa e, assim, chegar à conclusão do sentido que o participante de economia solidária atribui ao seu trabalho.

6 | ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados deste trabalho será feita de acordo com pesquisa documental e entrevistas realizadas com 7 participantes do projeto Artesãs da Maré. Perpassa a caracterização da associação Devas, a descrição do projeto Artesãs da Maré e das atividades realizadas para entender os elementos que determinam o sentido que os participantes do projeto Artesãs da Maré atribuem ao seu trabalho.

6.1 Associação Devas

A associação Devas é um projeto social baseado nos princípios do comércio justo e solidário, localizada na Nova Holanda, Complexo da Maré, Rio de Janeiro. O seu maior desafio: gerar trabalho e renda para homens e mulheres de baixa escolaridade que vivem em situação de extremo risco social. O projeto surgiu em 1994 voltado para participantes do Programa de Hipertensão e Diabéticos nos postos municipais de saúde. O objetivo é formar e capacitar grupos para a formação de cooperativas e associações de produção e geração de renda. Homens são capacitados em manutenção de ar refrigerado, motores elétricos e pintura de paredes e mulheres são treinadas em costura, corte, modelagem, bordado, crochê e tricô. A Associação Devas abriga ainda outros projetos, como a Rede Jovem da Maré, Luz & Ação e O Futuro é Hoje. Nos últimos anos, passaram pelos seus cursos 3.137 pessoas, desse total, 82,37% são analfabetos funcionais (DEVAS, 2013).

6.2 Projeto Artesãs da Maré

O projeto Artesãs da Maré foi fundado em 22 de outubro de 1998 dentro da associação Devas, com o objetivo de gerar renda para mulheres, onde elas fazem a gestão do empreendimento (DEVAS, 2013).

De acordo com *entrevistada 1*, o projeto Artesãs da Maré começou assim que ela terminou sua faculdade e notou na comunidade uma grande dificuldade de geração de trabalho e renda, em especial entre as mulheres. De fato, o movimento de economia solidária começou a ganhar espaço, no Brasil, a partir da década de 1990 devido aos níveis de desemprego e exclusão social vividos desde a década de 1980, quando a possibilidade de trabalho solidário e autogestionário emerge na forma de cooperativas ou associações produtivas (SINGER, 2002). Sendo assim, foi feito um levantamento para saber o que as mulheres da comunidade sabiam fazer: muitas sabiam costurar e bordar. Com isso, o projeto começou com a produção de roupas e acessórios para serem vendidos em feiras.

A *entrevistada 1*, responsável pelo projeto, informa que as principais atividades desenvolvidas são costura, bordado, crochê, tricô, aproveitamento de retalho, corte, passar roupas e venda dos produtos. Porém, o ideal é que cada participante passe por todas as atividades, ao mesmo tempo em que se respeita a aptidão de cada um. Sobre a disseminação dos conceitos de economia solidária, a entrevistada alega que são realizadas reuniões semanais com o intuito de passar informações e abrir diálogo sobre o trabalho. Os principais conceitos discutidos são a autogestão, o comércio justo, a qualidade de vida, a qualidade de trabalho, a importância de pensar no coletivo, a divisão das tarefas e responsabilidades dentro do grupo.

A respeito da estruturação das atividades e do trabalho, a responsável comenta que há uma ficha técnica no Excel onde cada atividade tem sua valoração e cada produto está discriminado com o preço da matéria prima e mão de obra por peça trabalhada. Desta forma, cada participante é devidamente recompensada pelo trabalho realizado.

A entrevistada afirma que durante muito tempo, o projeto Artesãs da Maré contava com 26 associadas, porém, atualmente, com a queda nas vendas, o projeto tem apenas 11 participantes. Este é um desafio: a grande queda das vendas devido à crise econômica do país. Outra dificuldade mencionada é a falta de políticas públicas. O único apoio do governo são as feiras do Circuito Ecosol fornecidas pela prefeitura.

A associação Devas - Artesãs da Maré faz parte do projeto Rio Economia Solidária (RIOECOSOL) que tem por objetivo fomentar e apoiar o desenvolvimento da economia solidária como alternativa econômica e de inclusão social em quatro comunidades populares do Rio de Janeiro – os complexos do Alemão e de Manguinhos, a favela Santa Marta e o conjunto habitacional da Cidade de Deus. Este projeto vem realizando diagnósticos participativos para a identificação dos tecidos sócio-produtivos; formando e capacitando atores locais para atuarem como empreendedores solidários

(RIOECOSOL, 2011).

Assim, surgiu o Circuito Rio Ecosol com a parceria da Prefeitura do Rio, através da Secretaria de Desenvolvimento Econômico Solidário (SEDES) com o Fórum Municipal de Economia Solidária e o Programa Polos do Rio. Mensalmente são organizadas feiras em diferentes bairros da cidade do Rio de Janeiro com produtos artesanais, trabalhos manuais e arte popular. São mais de 100 empreendimentos de economia solidária que participam do circuito, tendo como diferencial a sustentabilidade, gerando trabalho e renda, e inovando sobre materiais que seriam descartados (RIOECOSOL, 2011).

A SEDES enfrenta um gargalo antigo da economia solidária, a comercialização. O projeto Rio Economia Solidária objetiva apoiar a comercialização de produtos artesanais confeccionados pela cadeia produtiva de economia solidária, o circuito promove eventos segundo os princípios norteadores do comércio justo. O projeto beneficia diretamente 3.500 pessoas, entre mulheres, homens e jovens moradores dessas comunidades, com dificuldades de inserção na atividade produtiva e de maior vulnerabilidade frente ao mundo do trabalho (RIOECOSOL, 2011).

6.3 Perfil dos participantes e principais atividades realizadas

A **Tabela 1** descreve o perfil dos 7 participantes entrevistados, de acordo com a idade, estado civil, escolaridade e filhos, respeitada a identidade de cada um.

	Sexo	Idade	Escolaridade	Estado civil	Filhos
Entrevistada 1	F	68	Ensino superior	Viúva	1
Entrevistado 2	M	71	Ensino superior	Separado	4
Entrevistada 3	F	58	Ensino médio	Casada	3
Entrevistada 4	F	37	Ensino médio	Separada	2
Entrevistada 5	F	63	Ensino médio	Casada	3
Entrevistada 6	F	45	Ensino médio	Casada	2
Entrevistada 7	F	56	Ensino médio	Casada	2

Tabela 1- Perfil dos participantes

Nota-se que 6 participantes são do sexo feminino e 1 do sexo masculino. A idade média é de 56 anos e todos possuem filhos. Apenas 2 entrevistados têm ensino superior, a *entrevistada 1* e o *entrevistado 2*, que fazem parte da administração do projeto, as demais fazem parte da produção.

A **Tabela 2** mostra as principais atividades realizadas e o tempo de cada participante no projeto.

	Atividades realizadas	Tempo no projeto
Entrevistada 1	Responsável pelo projeto. Faz parte da administração. Faz o trabalho político, participando de fóruns e conselhos de economia solidária. Também participa da comercialização dos produtos.	19 anos
Entrevistado 2	Administrador do projeto. Faz administração do estoque, administração financeira, cálculo dos preços, formulação das fichas técnicas de cada produto, levantamento das vendas e relatório de contabilidade. Também participa da comercialização dos produtos.	18 anos
Entrevistada 3	Costura, bordado, desenho de novos modelos de roupa e comercialização do produto.	19 anos
Entrevistada 4	Bordado, crochê, costura e passar roupas.	11 anos
Entrevistada 5	Costura, tricô, bordado, desenho de novos modelos de roupa.	18 anos
Entrevistada 6	Tricô, crochê, passar roupa, também trabalha no corte de tecido.	15 anos
Entrevistada 7	Costura e bordado. Também auxilia na comercialização dos produtos.	15 anos

Tabela 2 – Atividades realizadas e tempo no projeto

Conforme a **Tabela 2**, as principais atividades realizadas pelo pessoal da produção é a costura, corte, bordado, desenho de novos modelos, tricô, crochê, passar roupas e algumas também participam na comercialização dos produtos nas feiras do circuito Ecosol. Os *entrevistados 1 e 2* realizam atividades voltadas para a administração do projeto e ambos trabalham na comercialização. Todos os participantes têm mais de 10 anos no projeto e alguns estão desde o começo, há 19 anos. Alguns relataram ter abandonado o projeto para trabalhar com costura em empregos formais, porém, retornaram porque foram demitidos ou por insatisfação com o emprego. Todos já tiveram outras ocupações, conforme mostra a **Tabela 3**.

	Empregos anteriores
Entrevistada 1	Terapia ocupacional
Entrevistado 2	Banco e indústria
Entrevistada 3	Costura
Entrevistada 4	Vendedora de lojas
Entrevistada 5	Costura e empregada doméstica
Entrevistada 6	Cozinheira, vendas e garçomete
Entrevistada 7	Costura

Tabela 3 – Empregos anteriores

Sobre o motivo dos participantes terem optado pelo projeto de economia solidária, para os administradores foi o cunho social. Já para as entrevistadas que fazem parte da produção, as razões foram o desemprego ou insatisfação com o trabalho, embora atualmente reconheçam a importância social do seu trabalho e a melhora que representa na qualidade de vida. A **Tabela 4** ilustra o motivo de cada participante.

	Motivo de opção pelo projeto
Entrevistada 1	Social
Entrevistado 2	Social
Entrevistada 3	Desemprego
Entrevistada 4	Desemprego
Entrevistada 5	Insatisfação com o emprego
Entrevistada 6	Insatisfação com o emprego
Entrevistada 7	Desemprego

Tabela 4 – Motivo de opção pelo projeto de economia solidária

Sobre a diferença do trabalho em um projeto de economia solidário e outros trabalhos, as diferenças citadas foram uma melhor qualidade de vida, devido ao fato do projeto ser perto de casa, já que todos os participantes moram no Complexo da Maré. Outra diferença citada é valorização do trabalho realizado, já que todos recebem por aquilo que fazem, conforme afirma o *entrevistado 2*:

Nesse o objetivo é conseguir seu sustento, mas as pessoas ganham pelo trabalho que fazem, não há mais valia, se sobrar dinheiro esse dinheiro é repartido pelas pessoas do grupo, nunca fica com uma pessoa só (*Entrevistado 2*).

A valorização do ser humano também foi citada, já que o trabalho é autogestionário, dando margem para cada participante ter liberdade de organizar o próprio trabalho. Os entrevistados também apontaram que neste projeto o trabalho é democrático e justo, outra diferença é a boa relação dentre os participantes já que todos se conhecem por morarem na mesma comunidade.

É muito diferente. Esse trabalho preza a valorização do ser humano, isso é em primeiro lugar, aqui não tem exploração, as pessoas têm mais liberdade e trabalham por que gostam. Lá fora as coisas são bem diferentes, há muita exploração. Aqui se tem a liberdade de trabalhar perto de casa, estar mais perto da família e realizar um trabalho digno e ser devidamente recompensado (*Entrevistada 5*).

A economia solidária se difere do trabalho no molde capitalista, pois nesse movimento as pessoas não vendem sua força de trabalho e não é um projeto que visa o lucro. Neste movimento, são os próprios associados que gerem o projeto, definindo as técnicas de produção e a correta distribuição dos ganhos econômicos (SINGER, 2002).

Quando perguntados como os conceitos de economia solidária são exercidos, foram citados os principais conceitos relacionados ao tema e como eles são praticados. Os entrevistados também afirmaram que fazem reuniões para discussão desses conceitos e buscam mais informações em leituras. Abaixo, a **Tabela 5** com os principais conceitos de economia solidária citados pelos entrevistados, assim como a descrição feita por eles.

Princípios	Descrição
Autogestão	Gerenciamento da associação pelos próprios associados. Liberdade de cada participante escolher como vai produzir.
Comércio justo	Respeito ao valor do trabalho de quem produz. Relação justa entre produtores e consumidores.
Cooperação	Ajuda mútua de todos os associados. Todos cooperam para o bem da coletividade.
Democracia	Respeito à liberdade de opinião de cada participante. Todos têm voz no projeto, as decisões são tomadas em conjunto.
Respeito com o consumidor	Preço justo e igual para todos os consumidores. O preço é único para todos os clientes.
Respeito com o meio ambiente	Aproveitamento e reciclagem de diversos materiais. Evitar ao máximo o desperdício.
Centralidade no ser humano	Valorização do ser humano, de seu trabalho e principalmente sua qualidade de vida.

Tabela 5 – Princípios de economia solidária

De fato, a economia solidária se caracteriza como uma diversidade de práticas econômicas que se tornam possíveis quando há interesses e objetivos comuns, provocando a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e a responsabilidade solidária (SINGER, 2002).

Atualmente, a renda mensal é de 1.500,00 reais, em média. Do ano de 2016 para 2017 houve uma queda nas vendas que eles acreditam ser em função da crise econômica. Como os participantes recebem em função das vendas, esta queda interfere na produção e renda de cada um.

A respeito da relação com os colegas de trabalho, todos os entrevistados responderam que é uma relação muito boa, na qual todos são amigos e se respeitam.

É tranquila, a gente sempre tem como proposta o diálogo, discutir tudo, a gente tenta colocar que todos são responsáveis por tudo, tanto quem produz como quem vende (*Entrevistado 2*).

Todos nós somos muito amigos, há muito diálogo, muita cooperação. Nós buscamos nos ajudar ao máximo. Há conflitos como em qualquer trabalho, mas a gente procura conversar (*Entrevistada 3*).

É muito boa, todos somos amigos, todos nos conhecemos, é uma relação de amizade onde há muita conversa, a gente discute o que é melhor para o nosso trabalho, todo mundo opina (*Entrevistada 6*).

Esta convivência coletiva é fundamental para que o trabalhador seja sujeito da própria ação em sociedade, respeitados os princípios da autonomia, democracia, fraternidade, igualdade e solidariedade. Esta convivência contribui com a geração de conhecimento, devolvendo a autonomia sobre a vida humana. Sendo assim, a economia solidária contribui para a busca de movimentos emancipatórios no resgate da dignidade humana (BAPTISTA; FISCHER, 2011).

Desta forma, caracterizamos os participantes do projeto Artesãs Maré, bem como suas principais atividades realizadas e condições de trabalho, como princípios

exercidos, renda média e relação com os colegas de trabalho. A próxima etapa se ocupará em entender os elementos que determinam o sentido que os participantes do projeto Artesãs da Maré atribuem ao seu trabalho.

6.4 Sentidos do trabalho

De acordo com estudos, há dois tipos de sentidos atribuídos ao trabalho, a racionalidade instrumental e a racionalidade substantiva. A racionalidade instrumental está relacionada com incentivos econômicos e utilitaristas, recompensas financeiras e de poder. Já a racionalidade substantiva, está relacionada em sentimentos de autorrealização, solidariedade, satisfação e valor emancipatório (ANDRADE *et al*, 2012).

Para entender os elementos que os participantes do projeto Artesãs da Maré atribuem ao seu trabalho, foi perguntado a importância que o trabalho tem na vida dos mesmos.

Uma das coisas mais importantes que tenho na vida é esse trabalho (*Entrevistado 2*).

É um trabalho muito importante, eu me sinto muito bem de trabalhar aqui, é um trabalho social, voltado para emprego e renda de mulheres que precisam (*Entrevistada 3*).

Pra mim é muito importante, pois é daqui que tiro meu sustento, crio meus filhos (*Entrevistada 4*).

Tudo o que eu tenho hoje em dia é graças a esse trabalho, consegui reformar minha casa com ele. É um trabalho muito bom, ajuda as mulheres da minha comunidade (*Entrevistada 6*).

É muito importante esse projeto, como outros projetos de economia solidária, visa a qualidade de vida das pessoas, então é uma forma de trabalho muito satisfatória, pois além de ganhar nossa renda, a gente percebe que o que a gente faz é valorizado (*Entrevistada 7*).

Esses relatos denotam a centralidade que o trabalho pode desenvolver na vida das pessoas e como a racionalidade substantiva tem importância em organizações alternativas, como cooperativas e associações. Porém, um tipo de racionalidade não exclui a outra, ambas existem concomitantemente para garantir a sobrevivência com retornos financeiros, mas também a satisfação pessoal, social e autorrealização (WEBERLING, 2010; ANDRADE *et al*, 2012). Aprendizagem, conhecimento, melhoria das relações humanas e contribuição com a sociedade também estão relacionadas (MORIN; TONELLI; PLIOPAS, 2007). Tanto que quando questionados se o trabalho é satisfatório, os entrevistados responderam unanimemente que sim, identificados com tais elementos, mencionando ainda que no projeto todos são amigos, há muita cooperação e ajuda mútua.

Questionados sobre quantas horas trabalham por dia, todos os participantes não

souberam responder com precisão. Eles alegam que como o trabalho é flexível, não há hora certa para começar ou terminar, depende do que eles acham que devem produzir.

Eu trabalho muito, pois além de trabalhar lá no projeto e aqui com as vendas, ainda tem um trabalho político, pois eu participo do fórum municipal de economia solidária, conselho estadual de economia solidária. Às vezes 10, 11 horas da noite ainda estou trabalhando (*Entrevistada 1*).

Isso é muito variável, quando se tem feira a gente trabalha mais de 12 horas por dia, muitas vezes também trabalho dentro de casa administrando, fazendo levantamento das vendas e estoque, relatório de contabilidade (*Entrevistado 2*).

Varia muito, aqui cada uma faz seu horário, é bem flexível. Eu trabalho cerca de 8 horas por dia, mas tem dias que é mais ou menos (*Entrevistada 4*).

Isso é difícil definir, varia de dia para dia. Às vezes trabalho mais, às vezes trabalho menos. Lá na produção às vezes fico o dia inteiro, às vezes levo trabalho pra casa e tem dias também que venho aqui pra feira, então é difícil saber (*Entrevistada 7*).

Deste modo, a autogestão pode gerar certa incoerência, pois como as associações e cooperativas estão inseridas no modelo capitalista, muitas vezes os trabalhadores se sentem obrigados gerir a si próprios como capitalistas para se adaptarem ao padrão produtivo. Sendo assim, essa necessidade de adequação pode instaurar modelos burocráticos (BENINI; BENINI, 2010).

Porém, mesmo com uma sobrecarga de horas trabalhadas, questionados se há tempo para aproveitar as horas livres, os entrevistados responderam que sim. Eles alegam que a flexibilidade de escolher o próprio horário também permite a organização do tempo para aproveitar as horas de lazer.

Aproveito, pois durante a semana eu tenho de 2 a 3 dias de feira, outro dia vou no projeto, há dias em que fico em casa trabalhando e os outros dias eu fico livre. Há muita diferença com outros tipos de trabalho, pois não há horas fixas, a gente é mais livre para fazer nosso horário (*Entrevistado 2*).

Sim, como somos nós que fazemos nossos horários, dá para aproveitar, consigo buscar meu filho na escola e fazer outras atividades. Final de semana é ainda melhor (*Entrevistada 3*).

De fato, para uma vida ter sentido no trabalho é necessário que tenha sentido fora dele, é fundamental o tempo livre na vida dos indivíduos para um autêntico sentido no trabalho (ANTUNES, 1999). Deste modo, nota-se que os participantes do projeto Artesãs da Maré, conseguem organizar seu tempo devido à autogestão do projeto.

Para uma vida ter sentido em todas as esferas do ser social, é necessária a extinção de barreiras de tempo de trabalho e não trabalho. Por meio de uma nova sociabilidade onde liberdade e necessidade se realizam mutuamente (ANTUNES, 1999). Para os participantes do projeto, o trabalho executado por eles vai além de uma obrigação, eles reconhecem ser um trabalho social, onde há ajuda mútua para o bem da coletividade. Questionados sobre o sentido que atribuem ao seu trabalho, os

participantes responderam:

É o sentido da participação social e eu procuro dar não só para mim, mas para quem eu trabalho o protagonismo feminino. A minha batalha é pelo protagonismo, é você ser alguém, você fazer alguma coisa e ter uma consciência crítica (*Entrevistada 1*).

Eu sinto que com esse trabalho sou uma pessoa útil, desempenho uma função social. Colaboro da forma que eu posso com um projeto que sei que ajuda pessoas que precisam (*Entrevistada 3*).

É o sentido de fazer parte de uma sociedade, ter uma ocupação, ter amizades. Trabalhar por uma causa que eu acredito (*Entrevistada 5*).

Quando questionados sobre as dificuldades de se trabalhar em um projeto de economia solidaria, os entrevistados citaram a incerteza de se trabalhar com vendas e a falta de apoio governamental.

Há uma dificuldade de se ter onde vender, o governo podia criar lojas para a gente ter um lugar fixo na venda dos produtos. Às vezes aqui a gente se sente muito vulnerável (*Entrevistada 1*).

O que eu posso falar é que de um tempo pra cá as vendas caíram muito, isso interfere na nossa produção e no que a gente ganha. Isso atrapalha porque a gente não sabe ao certo quanto vai ganhar, de quanto vai ser o retorno (*Entrevistada 4*).

Apesar de ser um trabalho bonito, muitas pessoas não dão valor e ainda é um trabalho pouco conhecido. O governo devia ajudar mais, divulgar mais, capacitar mais pessoas. Hoje tudo que a gente consegue é graças a nós, não há muito apoio (*Entrevistada 7*).

Dificuldades poderiam ser evitadas com o desenvolvimento de cadeias produtivas e uma ação mais contundente das administrações públicas. Para os participantes do projeto Artesãs da Maré, há muita instabilidade e incerteza quanto ao futuro do movimento de economia solidária devido à atual crise política e econômica. Questionados sobre o atual contexto os *entrevistados 2, 3 e 4* responderam:

Acho que tá muito complicado, esse ano a gente começou a sentir muita dificuldade de vendas. Acho que foi por conta da insegurança social, por conta de corrupção, da crise, as pessoas têm mais receio de comprar, também por conta do desemprego (*Entrevistado 2*).

Vejo algumas dificuldades, dá pra ver na queda das vendas. Este projeto depende muito do que é vendido, de quanto as pessoas compram, com toda essa crise dá para notar que afeta muito as vendas, isso é ruim (*Entrevistada 3*).

Acho que esse movimento sofre influências por causa dessa crise, as vendas caíram muito. Acho que a gente tem pouca oportunidade, não tem muito amparo, então depende só das vendas, aí fica complicado (*Entrevistada 4*).

Mesmo com essas vulnerabilidades, as *entrevistadas 1 e 5* se mostraram esperançosas em relação à economia solidária.

A economia solidária é um movimento muito forte, todas as pessoas envolvidas trabalham muito para fazer dar certo. Nós não temos o amparo que precisamos, mas nós continuamos lutando, já passamos por muita coisa e continuamos existindo. Eu

acho que a atual situação não é a melhor, mas já passamos por coisas piores e vamos continuar indo para frente com a força do nosso trabalho (*Entrevistada 5*).

Há muita instabilidade, muitas pessoas acham que está tudo acabado, mas para mim não acabou, a gente já passou por muita coisa, a gente luta muito e vai continuar lutando (*Entrevistada 1*).

Para elas, a economia solidária é um movimento forte e o projeto Artesãs da Maré já passou por momentos difíceis iguais a estes, porém vai continuar perseverando. De acordo com a *entrevistada 1*, que é a responsável pelo projeto, junto com outras associações e cooperativas que participam do Plano Nacional de Economia Solidária, há muito trabalho a ser feito e o movimento continuará vivo.

Para que um trabalho tenha sentido, é importante que quem o realize saiba para onde ele conduz, é essencial que os objetivos sejam claros e valorizados e que os resultados tenham valor aos olhos de quem o realiza (MORIN, 2001). A **Tabela 6** apresenta a síntese das características de sentidos atribuídos ao trabalho, sendo possível perceber como estão contemplados nas falas dos participantes do projeto Artesãs da Maré.

Um trabalho tem sentido se...	Características
É realizado de forma eficiente e leva a um resultado	Finalidade
	Eficiência
É intrinsecamente satisfatório	Aprendizagem e desenvolvimento das Competências
	Realização e atualização
	Criatividade e autonomia
	Responsabilidade
É moralmente aceitável	Retidão das práticas sociais e Organizacionais
	Contribuição social
É fonte de experiências de relações humanas satisfatórias	Afiliação e vinculação
	Serviço aos outros
Garante a segurança e a autonomia	Independência financeira
	Saúde e segurança
Mantém ocupado	Ocupação

Tabela 6 – Sentidos do trabalho

Fonte: Adaptado, Morin (2001).

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término desse trabalho é possível perceber que a adesão dos trabalhadores ao projeto se deu em decorrência da crise do mundo do trabalho. Eles encontraram no empreendimento solidário um espaço de inserção, o que mudou sua perspectiva em relação ao trabalho, pois as atividades realizadas são não apenas satisfatórias, mas contribuem no sentido de sua autorrealização, relações solidárias, protagonismo

e contribuição social.

Nota-se também que há dificuldades e desafios inerentes, como excesso de horas trabalhadas e instabilidade econômica. Em parte, essas dificuldades poderiam ser amenizadas por políticas públicas adequadas à realidade dos empreendimentos solidários. Mesmo com esses desafios, os participantes do projeto demonstraram como o trabalho fundamentado em princípios solidários gera um sentido diferenciado em suas vidas.

De acordo com Antunes (1999), para um real sentido do trabalho a sociedade deve estar orientada de forma a atender necessidades humanas e sociais, eliminando o tempo de produção excedente e supérflua que desestrutura o indivíduo e a sociedade em si. Com o estudo do projeto Artesãs da Maré compreende-se como o empreendimento baseado em princípios de economia solidária acaba desenvolvendo uma dinâmica nesse sentido, por mais que tenha surgido por necessidades de sobrevivência dos seus membros.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. **O novo e precário mundo do trabalho**: reestruturação produtiva e crise do sindicalismo. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.

ANDRADE, Sílvia Patricia Cavalheiro de; DA ROSA TOLFO, Suzana; DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento. **Sentidos do Trabalho e Racionalidades Instrumental e Substantiva**: Interfaces entre a Administração e a Psicologia. Revista de Administração Contemporânea, v. 16, n. 2, p. 200, 2012.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a Centralidade do Mundo do Trabalho. Cortez Editora, 155 páginas, 1995.

_____. **Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. São Paulo: Boitempo. Editorial, 1999.

_____. **As configurações do trabalho na sociedade capitalista**. Revista katálysis, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 131-132, Dec. 2009.

_____. **A crise, o desemprego e alguns desafios atuais**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 104, p. 632-636, Dec. 2010.

ARAÚJO, Romilda Ramos de; SACHUK, Maria Iolanda. **Os sentidos do trabalho e suas implicações na formação dos indivíduos inseridos nas organizações contemporâneas**. REGE. Revista de Gestão, v. 14, n. 1, p. 53, 2007.

BAPTISTA, Lucine Lopes; FISCHER, Rosa Maria. **Educação Popular e Emancipação Humana no ambiente da Economia Solidária**. Enanpad. Rio de Janeiro, setembro 2011.

BARBIERI, Rafaela Costa Cruz; BETANHO, Cristiane. **Mobilização de Conhecimentos de Administração em prol da Autogestão de Empreendimentos Solidários Incubados na Universidade**. Enanpad. Rio de Janeiro, setembro 2014.

BENINI, Edi Augusto; BENINI, Elcio Gustavo. **As contradições do processo de autogestão no capitalismo**: funcionalidade, resistência e emancipação pela economia solidária. Organizações &

Sociedade. v. 17, n. 55, p. 605-619, Outubro-Dezembro, 2010. 15 página(s).

FARIA, José Henrique; KREMER, Antonio. **Reestruturação produtiva e precarização do trabalho: o mundo do trabalho em transformação.** Revista de Administração, v. 40, n. 3, p. 266-279, Julho-Setembro, 2005. 14 página(s).

FRANTZ, Walter. **Associativismo, cooperativismo e economia solidária.** Unijuí, 2012.

GAIGER, Luiz Inácio. **O mapeamento nacional e o conhecimento da economia solidária.** Revista da ABET, 2013.

KUBO, Sergio Hideo; GOUVÊA, Maria Aparecida. **Análise de fatores associados ao significado do trabalho.** Revista de Administração, v. 47, n. 4, p. 540-554, 2012.

LIMA, Jacob Carlos; SOUZA, André Ricardo de. **Trabalho, solidariedade social e economia solidária.** Lua Nova, São Paulo, n. 93, p. 139-168, Dec. 2014 .

MALASSISE, Regina Lúcia Sanches; ALVES, Rozane. **Princípios cooperativistas: Uma reflexão sobre oportunidades e desafios no contexto da economia solidária.** 2011.

MORIN, Estelle. **Os sentidos do trabalho.** Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 08-19, Sept. 2001.

_____; TONELLI, Maria José; PLIOPAS, Ana Luisa Vieira. **O trabalho e seus sentidos.** Psicol. Soc., Porto Alegre, v. 19, n. spe, p. 47-56, 2007.

NOGUEIRA, Claudia Mazzei; SILVA, Maria Liduína de Oliveira e. **Adeus ao trabalho? Vinte anos depois...** Entrevista com Ricardo Antunes. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 124, p. 773-799, Dec. 2015.

PINHEIRO, Daniel Calbino; DE PAULA, Ana Paula Paes. **Para uma discussão da eficiência na economia solidária: Algumas implicações teóricas e empíricas.** Revista ORG & DEMO, v. 16, n. 2, 2015.

RIBEIRO, Sérgio Dias; MUYLDER, Cristiana Fernandes. **Economia Solidária – Em busca dos elementos essenciais da sustentabilidade e solidariedade.** Organizações & Sociedade, v. 21, n. 71, p. 581-614, Outubro- Dezembro, 2014. 34 página(s).

SANTOS, L. M. L. D.; VIEIRA, S. F. A.; BORINELLI, B. **Economia Solidária e estratégia: entre princípios e pragmatismo.** Revista Ibero-Americana de Estratégia, v. 12, n. 4, p. 261-278, 2013.

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de pesquisa em de pesquisa em administração.** São Paulo. Editora Atlas, 2005.

_____. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** São Paulo. Editora Atlas, 2009.

WEBERING. Susana Iglesias. **Os Pontos Cegos das Teorias Organizacionais Segundo Guerreiro Ramos.** Anais do XXXIV Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro, 2010.

_____. **Autogestão e cooperação em uma perspectiva cooperativista e sistêmica: O contexto cooperativo espanhol e brasileiro.** 401 p. Tese (Doutorado). Programa de Engenharia de Produção / COPPE, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-27-7

